

UMA ABORDAGEM CONVIDATIVA PARA O DEBATE COMPLEXO DAS MASCULINIDADES POR JJ BOLA

Resenha da obra: BOLA, Jj. *Seja homem: a masculinidade desmascarada*. Tradução de Rafael Spuldar. 2º edição. Dublinense: Porto Alegre, 2020.

Adriana Angerami¹

Poeta e educador, J. J. Bola é o autor do livro *Seja homem: a masculinidade desmascarada*, traduzido e publicado no Brasil em 2020. Bola nasceu na República Democrática do Congo e radicou-se em Londres, processo este presente durante a obra selecionada. Entre memórias e vivências particulares, o autor apresenta como os contrastes culturais dos contextos em que esteve o fizeram colocar em perspectiva sua masculinidade e tudo que a mobiliza: estereótipos de gênero, emoções, relações afetuosas, sexualidade e esferas macrosociais, como a política, as redes sociais, as práticas esportivas, espaços e produções culturais (música, cinema e afins).

O objetivo central de Bola com o livro *Seja homem ...* é construir uma crítica ao patriarcado enquanto um sistema de opressão criado por pessoas – sobretudo homens – para garantir privilégios e benefícios exclusivamente àqueles que os usufruem. Por meio da metáfora da máscara, o autor faz alusão aos aspectos culturais que apresentam um modelo de masculinidade que é coercivamente ensinado aos sujeitos homens. Assim, convidando-os a retirar as suas máscaras, Bola apresenta um diálogo de aproximação com o feminismo para redefinir ou ressignificar as masculinidades. Fazendo referência a bell hooks, Bola defende que a discussão em torno do gênero e das sexualidades deve ser abordada por homens e mulheres para que haja uma tomada de consciência dos privilégios de uns/umas sob a opressão de outros/as para, enfim, estruturar projetos de real transformação social.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Membro do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da UFSC. Bolsista CNPq. Contato: adrianaangerami@hotmail.com

Entendendo a necessidade de elaborar um material objetivo e de fácil acesso para pessoas com ou sem uma leitura prévia do tema, Bola apresenta seus argumentos com base em autoras cânones na temática, como Raewyn Connell – socióloga precursora nas contribuições de estudos sobre masculinidade e hegemonia deste modelo – e bell hooks com suas contribuições ao feminismo negro. Além disso, em todos os capítulos são apresentados trabalhos e pesquisas estatísticas que exemplificam em números os cenários e as narrativas que Bola compartilha. Apesar da seriedade e compromisso no uso dos dados e conceitos, a leitura mescla a primeira e a terceira pessoa, o que a torna fluída e de caráter informativo para quem está se aproximando das discussões de gênero e masculinidade, bem como para quem busca um texto que inspire o autoconhecimento sobre si enquanto homem.

O livro está organizado em nove capítulos nos quais Bola estará apresentando discussões que tocam aspectos da construção social dos estereótipos de gênero focando, portanto, em aspectos associados à masculinidade. Na sequência os capítulos e respectivos temas serão apresentados e comentados, mas antes é importante destacar que o prefácio do livro foi feito pelo rapper brasileiro Emicida, que se tornou uma figura importante para além do cenário musical, justamente por trazer em seu discurso uma mensagem em formato de convite ao conhecimento enquanto ferramenta de libertação, algo que vai ao encontro do trabalho feito por Bola.

A condição do sujeito na qualidade de homem, bem como a masculinidade associada a esse ideal, não é, portanto, uma entidade fixa. Não é um bloco disforme que se encaixa com perfeição em um buraco quadrado, bem no meio de um mundo quadrado. Ela está sempre mudando, é fluída e, mais importante, ela é e pode ser tudo o que você quiser que ela seja. No entanto, enquanto existirem crianças rígidas e estereotipadas sobre a masculinidade, e enquanto essas crenças não forem confrontadas, os homens serão frequentemente incapazes de aderir a uma masculinidade que se situe fora do padrão (BOLA, 2020, p. 24).

No Capítulo Um intitulado “Homens de verdade: mitos da masculinidade”, o autor estará indicando nove verdades-falsas que se associaram ao sujeito que se identifica como homem. O primeiro mito é a ideia de que existe um “homem de verdade”, imagem esta que reforça um essencialismo identitário que limita as expressões de sujeitos homens. O segundo mito é a generalização de que todo homem é “boy lixo”, tomando uso de um termo que viralizou nas narrativas juvenis e redes sociais. Para Bola, o uso dessa

expressão atinge de forma pessoal o indivíduo e acaba por ignorar a opressão macrossocial do patriarcado. Bola argumenta, direcionando-se para os homens leitores, que não interpretem o termo como um ataque pessoal, mas passem a fazer o que justamente encaminhará o indivíduo à libertação: “[...] quando a analisei para além da minha reação inicial, ou da emoção visceral que a frase me provocou, entendi que ela nos diz muito mais sobre questões sociais em torno do gênero do que sobre um homem em particular” (BOLA, 2020, p. 26).

Ainda na lógica das extremidades, temos como terceiro mito a imagem do “cara bonzinho” como uma exceção em meio a tantos homens. Evocando essa imagem positiva, atrela ao sujeito que a tem o “direito” de ser ouvido por outras mulheres. No contexto brasileiro, penso que podemos trazer a expressão “esquerdomacho” para exemplificar o que Bola tenta alertar: não é porque o cara demonstra ter uma escuta atenta ou fala sobre feminismo se posicionando favorável, que ele estará quase que de maneira automática isento de ações machistas.

Problematizando a frase “Seja homem!” enquanto uma ferramenta repressora de emoções que homens ainda jovens e crianças constantemente escutam é o foco do quarto mito. É uma espécie de “silenciamento emocional”, como chamou Bola. O autor entende esse silenciamento como uma prática educadora violenta porque ensina aos homens que a demonstração de emoções e afeto expõem o seu lado fraco – ou seu lado que se aproxima de práticas associadas a mulheres – o que não indica nenhum fato. O quinto e o sexto mito vão na mesma direção: a imagem de que algum homem é “claramente gay” quando há, por exemplo, demonstração de afeto entre homens, colocando em ameaça a heteronormatividade; e a filosofia de que “homem não chora”.

Os últimos três mitos (7, 8 e 9) colocam de forma comparativa os homens de frente para as mulheres, alegando que homens são mais fortes, mais lógicos e sentem mais libido do que as mulheres. Todos os três itens são colocados por Bola como mitos em torno das masculinidades, ou seja, comentários que não definem a complexidade do que associamos ao “ser homem”. Assim, ele deixa o terreno pronto para o seu argumento introdutório e denso.

Citando Judith Butler, o autor expõe que a masculinidade está inserida no campo da *performance* que um corpo expressa – assim como a feminilidade. Portanto, é uma performance que tende a reforçar o que se normalizou associado aos corpos masculinos.

Outro tema presente no livro é a naturalização da violência enquanto uma característica natural dos homens e como os aspectos da socialização não são levados em conta para problematizar essa falsa ideia. A partir de dados quantitativos, Bola desenha a criminalidade no contexto britânico, apresentando uma sociedade marcada pela violência doméstica, agressões sexuais e homicídios. Há presente por todo o livro notas sobre o contexto brasileiro, o que nos dá uma dimensão de similaridade de práticas violentas que marcam a nossa sociedade da mesma forma.

A socialização, para Bola, potencializa a personalidade violenta do sujeito homem porque são essas as práticas direcionadas para eles. Com exemplos que consideram as brincadeiras e os brinquedos ditos de meninos jovens: armas, lutinhas (brincadeira de mão) e afins, seu argumento indica que o fato de a agressividade ser naturalizada entre homens o oposto será necessariamente atribuído ao outro gênero, logo as mulheres. Falar sobre sentimentos é algo que – em termos da cultura – diminui a masculinidade do sujeito. Portanto, considerarmos a socialização dos homens nos leva à questão da desatenção que, em geral, esses sujeitos direcionam para a sua saúde mental: “[...] de modo geral, as noções vigentes de virilidade e masculinidade apenas reforçam a ideia de que os homens não sofrem, ou não devem sofrer, de transtornos psicológicos como ansiedade ou depressão, pois essas questões não seriam mais do que sinais de fraqueza.” (BOLA, 2020, p. 57). O autor defende que ouvir outros homens compartilhando suas emoções e casos de depressão, por exemplo, pode apresentar uma nova forma de interpretar os sentimentos. Para isso, Bola listou celebridades masculinas – MCs do hip hop e atores – que foram expor ao público seus sentimentos, ansiedades e quadros depressivos.

Sentimentos e emoções pelo viés do afeto são outro tema presente no livro. O título do Capítulo Três já deixa indicado o caminho que o autor pretende traçar: “O que o amor tem a ver com isso? amor, sexo e consentimento”. Bola comenta sobre a iniciação sexual dos homens ser algo coercivamente cobrado pelos pares, havendo uma pressão para que a “primeira vez” aconteça logo: “[...] o sexo servindo de rito de passagem para a masculinidade, e, sob esta perspectiva, se já chegou à determinada idade, é quase inconcebível que um menino não tenha feito sexo ainda.” (BOLA, 2020, p. 65) – entendendo que o desejo e o sexo devem ser de caráter heterossexual para que socialmente o sujeito homem afirme sua sexualidade dentro do modelo binário culturalmente esperado.

O autor não problematizou nesse capítulo aspectos da heteronormatividade. Além disso, o consumo de pornografia (p. 67) e o movimento dos “incels” (p. 71) são temas contemporâneos que o autor apresenta brevemente. Com base em dados quantitativos, Bola compartilha com quantos anos homens jovens começam a consumir filmes e demais materiais pornográficos no Reino Unido, problematizando como essa linguagem torna o ato uma ação mecânica e sem intimidade, além das performances agressivas e misóginas que os materiais possuem. Esse tipo de material vai reforçando a ideia de que os homens “devem” obter seu prazer quando, assim, quiserem. A violência, já mencionada, vem associada a essa ideia e dá força ao movimento “incels”, compreendidos enquanto grupos de homens que acreditam ter direitos especiais no que diz respeito ao sexo, entendendo que é um direito a satisfação sexual a qualquer hora do dia. Aqui, os “incels” são homens heterossexuais, logo essa cobrança recai sobre as mulheres, sejam suas companheiras ou não.

Outros temas se ramificam dessa discussão, como o debate necessário sobre consentimento e cultura do estupro. Como exemplos para estes fatos sociais, Bola é muito concreto em seu argumento citando o caso de Elliot Rodger² e do movimento #MeToo, que surge nos Estados Unidos e se espalha mundialmente apoiando vítimas de abusos sexuais. As dinâmicas de poder entre homens e mulheres fica presente em todos os capítulos do livro, mas será no quarto capítulo que ele problematiza o poder institucional. A questão que norteia o capítulo é “como seria o mundo se as mulheres fossem a maioria dos líderes mundiais?” (BOLA, 2020, p. 86), apresentando um mapeamento dos grandes chefes de Estado de diversos países que marcaram períodos históricos com seus atos, em geral atos que levam os países a guerras por mais disputa de poder. O que não necessariamente pode ser diferente com líderes mulheres, e aqui ele cita como exemplo Margareth Thatcher, mas reconhece vários estudos feitos em comunidades diversas que indicam que a liderança feminina resulta em sociabilidades pacíficas.

Ainda tratando do poder institucional e do espectro político, Bola novamente traz a característica da violência para pensarmos no extremismo político que assumem os homens, sobretudo os jovens. Para isso, Bola cita a publicação recente de Michel Kimmell chamada “*Healing from hate: how young men get into – and out of – violent extremism*”²,

² Um jovem de 22 anos que assassinou 6 pessoas e deixou publicado no youtube um “manifesto” que propagava ódio contra mulheres. Ver matéria:
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/05/atirador-da-california-se-descrevia-como-sofisticado-e-educado.html>

na qual o sociólogo autor do livro acredita que o sentimento de “direito lesado” leva os jovens a buscarem movimentos que devolvem o sentido das suas masculinidades. Em geral são medidas extremas e violentas, como fazem grupos de skinheads e o Estado islâmico.

O feminismo não poderia deixar de ser mencionado. “Se eu fosse um menino: igualdade de gênero e feminismo” é o título do capítulo que trata do tema. Bola explica aspectos do feminismo, tentando desmistificar sobretudo a ideia de que esse movimento tem a intenção de extinguir homens da face da terra. Inspirado em bell hooks, o autor está defendendo a importância do feminismo não somente para as mulheres (que são protagonistas do movimento), mas também defende que (re)conhecer a causa pode libertar os homens de um ciclo histórico que vem sendo reproduzido pela lógica do patriarcado. O que o autor quer dizer é que mais vale os homens se preocuparem em somar na luta contra o patriarcado por³ meio de ações reais e cotidianas do que dar ênfase ao rótulo de feminista, pois este não o cabe.

Se os homens podem ou não se identificar enquanto feministas, é uma questão que rende debates calorosos. No entanto, penso que, na condição de homem, compreender os princípios essenciais do feminismo e a questão da igualdade de gênero talvez seja mais importante do que se rotular como feminista. (BOLA, 2020, p. 105).

Encaminhando-se para o final, o autor destina um dos capítulos para tratar de interseções da masculinidade. Neste momento ele mencionou questões relacionadas a classe, sexualidade, localidade e raça-etnia. Eu esperava um capítulo mais agressivo em termos de posicionamento e combate ao racismo, mas não há essa ênfase. Bola seguiu com sua escrita introdutória e imparcial sobre os temas que tocam as masculinidades, inclusive este.

Os dois últimos capítulos abordam aspectos que ainda são recentes nas discussões e pesquisas sobre masculinidades, de acordo com Vigoya (2018). É o tema das redes sociais e práticas esportivas. Sobre as redes sociais, o foco da abordagem se dá sobre a construção do corpo desejado, forte e que merece “likes”, o que leva ao consumo material daquilo que faz parte do “hype” e tendência do momento. Logo, a masculinidade também cria e é fortalecida pela lógica capitalista do consumo excessivo e alcance de poder,

³ “Como a masculinidade, não a ideologia, leva ao extremismo violento”, um texto de Dina Temple-Raston para Washington Post (Tradução: Monique Prada), citado no livro de Bola: <https://medium.com/@moniqueprada/como-a-masculinidade-n%C3%A3o-a-ideologia-leva-ao-extremismo-violento-8c59fcac902e>

dialogando diretamente com temas abordados anteriormente, sobretudo a saúde mental e a violência.

Em busca do corpo atlético e desejado, os homens tendem a consumir aquilo que se apresenta nas redes como tendências, e por vezes abafam suas emoções que podem não condizer com o esperado. Um movimento alternativo a este padrão vem da cultura k-pop, oriunda e popular entre os coreanos e vem ganhando admiradores nas culturas ocidentalizadas. O mesmo ainda é difícil de ser visto no meio esportivo. Cada esporte constrói e cobra uma expressão da masculinidade, seja entre os atletas e entre os torcedores, uma perspectiva que vem sendo explorada. A violência física acaba perpassando muito mais os discursos da torcida – disputando poder em relação aos torcedores rivais – enquanto afeta mentalmente e emocionalmente os atletas. São tipos de violência diferentes que marcam as masculinidades nos contextos esportivos.

O livro de J.J. Bola cumpre um papel importante de introdução ao tema das masculinidades de forma introdutória. Ele conversa com um leitor que não necessariamente faz parte do mundo acadêmico, abordagem relevante e necessária visto que estes temas são encarados de antemão com receio e discordância por homens. O autor consegue, portanto, fazer um convite aos leitores homens a (re)pensar os aspectos culturais que lhe foram ensinados para estruturar caminhos que possam romper com o patriarcado.

Algumas inquietações necessárias: os aspectos da interseccionalidade ficaram presentes apenas no capítulo destinado a isso. O livro, de modo geral, poderia ter sido construído sob a perspectiva interseccional, apresentando em todos os temas abordados a complexidade que toma a masculinidade quando pensada em relação a raça, a classe, a sexualidade, as redes sociais, ao consumo, etc. As problematizações que Bola apresenta partem muito da sua trajetória, que de fato pode ser compartilhada com a trajetória geral de homens criados em culturas ocidentais. Mas, é importante destacar que, não é o objetivo do autor construir críticas teóricas sobre as masculinidades e relações de gênero e sexualidade.

Assim, não são apresentadas discussões em torno de questões não-binárias, perspectiva queer ou transexualidade/transgênero. Bola tem a intenção de tratar as masculinidades sob o viés da introdução ao tema e alerta aos leitores que não estão familiarizados. Contudo, isso não tira a qualidade do debate apresentado porque o próprio

leitor vai realizando essas conexões com o avanço da leitura, caso sintá-se tocado pela discussão.

O livro instiga a pensar na importância de produção de materiais que tenham uma linguagem acessível para o público mais amplo, fora das universidades. Serve de verdadeira inspiração para autoras e autores brasileiros proporem novas abordagens e disseminação dos resultados descobertos em suas pesquisas.

REFERÊNCIAS

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, abril, 2013.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Papéis Selvagens: Rio de Janeiro - RJ. 2018